



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

GERLANE JOSEILDA LIRA GOMES

TENHO UM AUTISTA NA SALA DE AULA E AGORA?

**GUARABIRA-PB
2018**

GERLANE JOSEILDA LIRA GOMES

TENHO UM AUTISTA NA SALA DE AULA E AGORA?

Trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada.

Área de concentração: Educação Especial

Orientadora: Prof^ª. Esp. Rônia Galdino da Costa

GUARABIRA-PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633t Gomes, Gerlane Joseilda Lira.
Tenho um autista na sala de aula e agora? [manuscrito] /
Gerlane Joseilda Lira Gomes. - 2018.
27 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Rônia Galdino da Costa ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. TEA. 2. Contexto escolar. 3. Inclusão escolar. I. Título
21. ed. CDD 371.94

GERLANE JOSEILDA LIRA GOMES

TENHO UM AUTISTA NA SALA DE AULA E AGORA?

Artigo apresentado a coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 21 / 11 / 2018.

BANCA EXAMINADORA

Rônia Galdino da Costa

Profª. Esp. Rônia Galdino da Costa
(Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Profª. Me. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
(Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Vital Araújo Barbosa de Oliveira

Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira
(Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICO este trabalho primeiramente á Deus e a minha família, que muito me apoiou e incentivou a realizá-lo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que iluminou o meu caminho durante esta caminhada e em todos os momentos da minha vida.

A minha mãe, Maria Gorette Lira da Silva, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Ao meu pai, José Domingos da Silva Filho, que apesar de todas as dificuldades me fortaleceu e que para mim foi muito importante.

Ao meu esposo, Fabiano Cardoso Gomes, pelo companheirismo e pelo grande incentivador que é.

À minha filha, Geysla Francinne Lira Gomes, que apesar da pouca idade, tem me ensinado o sentido da vida e me inspirado a lutar pelos meus ideais.

Obrigada meus irmãos: Geane, Gilvan, Gilson e Girlene, que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

À Professora e orientadora Rônia Galdino da Costa, pelas suas valiosas orientações, pelos seus conhecimentos e sua disponibilidade em acompanhar todo o percurso na elaboração desse estudo.

Aos professores pelos conhecimentos, competência e seriedade durante os momentos de sala de aula. A palavra mestre, nunca fará justiça aos quais sem nominar, terão os meus eternos agradecimentos.

A todos os colegas de turma pelas vivências e saberes compartilhados.

“Ler não é caminhar e nem voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo, é perceber a conexão entre o texto e o contexto e como vincula com o meu contexto”.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	11
3 OBSTÁCULOS ENFRENTADOS PELOS DOCENTES QUANTO A INCLUSÃO DE EDUCANDOS COM TEA.....	13
3.1 A importância da capacitação dos professores para incluir os alunos com TEA..	14
3.2 A utilização de diferentes metodologias de ensino e suas contribuições para o processo da aprendizagem e inclusão	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS.....	24

TEM UM AUTISTA NA SALA DE AULA E AGORA?

Gerlane Joseilda Lira Gomes¹

RESUMO

O Transtorno do Espectro do Autismo – TEA, é uma doença que não tem causas conhecidas, como também a cura, mas o diagnóstico precoce e o tratamento adequado, proporcionaram ao indivíduo maior possibilidade de desenvolver suas habilidades afetadas, tais como a comunicação e socialização. A inclusão no contexto escolar é uma realidade assegurada por Lei. O aluno com necessidades especiais, torna-se um desafio a ser enfrentado pelas instituições de ensino e pelos educadores que nem sempre estão preparados. Neste sentido, buscamos indagar, o professor foi capacitado para receber um aluno autista e contribuir para a sua interação? A partir desta indagação, temos como objetivo geral analisar as políticas de inclusão do aluno com TEA na sala de aula: Conceituando o TEA, sinais, sintomas e os desafios para uma educação inclusiva; Observar os aspectos de capacitação de profissionais da Educação e Analisar o atendimento especializado na Educação Regular para alunos com Autismo. O embasamento se deu com os seguintes teóricos: Caminha et al. (2016); Canabarro, Teixeira e Schmidt (2018); Loureiro et al. (2017); Ferreira (2018); Braz-Aquino, Ferreira e Cavalcante (2016), entre outros, que tratam das discussões sobre o Transtorno do Espectro Autista. Para isso, adotou-se uma pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa. Conclui-se que os prejuízos causados pelo Transtorno do Espectro do Autismo, afastam as crianças do sistema educacional, muito embora algumas conquistas já permitem que as mesmas sejam incluídas e possam frequentar a escola e façam parte da Educação Especial, no entanto, essa inclusão nem sempre ocorre de forma qualitativa, pois os educadores em sua maioria não estão preparados para promover o desenvolvimento de uma criança autista, como também a escola não oferece uma estrutura física e de material adequados para promover a socialização e desenvolvimento do aluno autista.

Palavras Chave: 1. TEA. 2. Contexto escolar. 3. Inclusão Escolar.

¹ Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira.
E-mail: gerlanejoseildalira@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista – TEA, é caracterizado pelo prejuízo que acomete o indivíduo nos aspectos sociais, comunicação e comportamento, aspectos esses que são observados para realização do diagnóstico. Para Brito, Vasconcelos (2016), o diagnóstico é clínico e baseia-se em um desenvolvimento atípico da comunicação, da interação social e na presença de um repertório restrito, atividades e interesses. Logo, esses fatores variam entre os indivíduos em graus diferenciados.

A Organização Mundial da Saúde, OMS, calcula que o autismo afeta uma em cada 160 crianças no mundo. A condição chamada de transtorno do espectro autista geralmente tem início na infância e persiste durante a adolescência e vida adulta. Estima-se que o autismo atinge 1% da população, 70 milhões de pessoas no mundo conforme dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Destes, 2 milhões estão no Brasil segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

Não se tem conhecimento das causas, porém sabe-se que fatores socioeconômico, geográficos e étnicos não são influenciadores, como também não se conhece a cura. Segundo Brito, Vasconcelos (2016, p. 28), a causa do autismo ainda não é conhecida. As teorias para explicar o enigma do autismo que ainda não é conhecida, se proliferam e vários fatores têm sido implicados na patogenia do autismo, incluindo fatores genéticos, imunológicos e ambientais.

Embora não tenha cura, o diagnóstico precoce é indispensável para que se possa adotar os meios necessários para promover o desenvolvimento das crianças com o TEA, segundo Ferreira (2018), o modelo social de deficiência requer o diagnóstico precoce de cada condição apresentada pela criança, a fim de fornecer as ferramentas necessárias para a derrubada das barreiras do preconceito e através do tratamento adotado obter resultados mais satisfatórios.

O tratamento para esse público requer uma equipe multidisciplinar, composta por: psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e educadores físicos e cada paciente recebe atenção específica.

Para aumentar a especificidade do diagnóstico de TEA, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5, sendo capaz através do mesmo identifica tanto os sintomas diagnósticos principais, como as características não

específicas do TEA que variam dentro desta população e indivíduo. O TEA que antes era incluída na Classificação Internacional de Doenças -CID – 10, passou a constar na nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde a CID-11. Ganhando dessa forma uma CID mais específica.

O Transtorno do Espectro Autista - TEA e um dos transtornos mais graves do desenvolvimento infantil devido ao impacto que causa no funcionamento adaptativo, atribuído ao fato de sua complexidade necessita ser diagnosticado nos primeiros dois a três anos do desenvolvimento. Trata-se de um transtorno neurológico caracterizado por prejuízos, em níveis variados, em habilidades de cognição social, comunicação, interação social, comportamento e aspectos sensoriais (CANABARRO, TEIXEIRA, SCHMIDT 2018), para isso fala-se em espectro, assim, são transtornos caracterizados por um espectro compartilhado de prejuízos qualitativos na interação social, associados a comportamentos repetitivos e interesses restrito.

Loureiro et al. (2017), quanto mais precoce a criança iniciar a estimulação, mais chances de ter a trajetória do seu desenvolvimento otimizada, para isso, faz-se necessário o acompanhamento com uma equipe multidisciplinar (pedagoga, psicopedagoga, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, psicóloga, fonoaudióloga), o que possibilitará em melhores resultados a longo prazo.

A escola necessita oferecer aos seus sujeitos estrutura física e material adequada, para que possam dar ao seu público as mesmas condições de se desenvolverem. Para Amorim et al. (2016), o profissional de educação precisa está apto a resolver problemas, ter iniciativa, compartilhar, aprender, cooperar, colaborar, ser criativo, buscar inovação, ter senso crítico, tomar decisões no tempo em que elas necessitam, usar a tecnologia, ter capacidade para buscar e filtrar os dados em informações úteis, entre outras, tais habilidades não são adquiridas na faculdade, mas se tornam essenciais no exercício da profissão.

Neste sentido, buscamos indagar, o professor foi capacitado para receber um aluno autista e contribuir para a sua interação?

A partir desta indagação, temos como objetivo analisar as políticas de inclusão do aluno com TEA na sala de aula. Conceituando TEA, sinais, sintomas e causas; Identificando as metas e desafios para educação inclusiva; Observar os aspectos de capacitação de profissionais da Educação e Analisar o atendimento especializado na Educação Regular para alunos com Autismo.

A relevância desse estudo se justifica pela necessidade de apresentar possíveis contribuições para os profissionais da educação, conhecer a realidade que é imposta cotidianamente em salas de aula, as quais não oferecem as condições físicas e de pessoal necessárias para ser inclusiva, especialmente, quando se trata de alunos que apresentam o Transtorno do Espectro Autista – TEA.

O estudo se justifica pela necessidade pessoal da pesquisadora em buscar respostas por ser docente em uma Instituição pública de ensino, em que a inclusão de alunos com TEA, não ocorre de forma satisfatória, devido ao fato de não contar com estrutura física adequada, como também pessoal qualificado, para promover a integração desses alunos.

A abordagem metodológica, adotada nesse estudo foi bibliográfica, exploratória e qualitativa. Sendo este tipo de pesquisa Gil (2010), define dizendo que os dados já receberam tratamento analítico, ou seja, baseada em material já publicado como exemplo tem-se: artigos científicos, livros, teses e monografias.

A pesquisa exploratória, segundo Gil (2010), tem como finalidade principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores, ou seja, tem o objetivo de proporcionar visão geral, acerca de determinado fato.

A pesquisa qualitativa segundo Prodanov, Freitas (2013), considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números, a mesma não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas.

A partir do exposto, buscou-se embasamento nos seguintes teóricos: Caminha et al. (2016); Canabarro, Teixeira e Schmidt (2018); Loureiro et al. (2017); Ferreira (2018); Braz-Aquino, Ferreira e Cavalcante (2016), entre outros, que tratam das discussões sobre o Transtorno do Espectro Autista.

Estruturalmente o trabalho está organizado em quatro itens. No primeiro introduziu-se o estudo em questão. No segundo, intitulado: Transtorno do Espectro Do Autismo - TEA, discutiu-se o transtorno e as dificuldades enfrentadas pelos portadores, familiares, pela sociedade e escola.

No terceiro capítulo, denominado: obstáculos enfrentados pelos docentes quanto a inclusão de educandos com TEA, apresentou-se a análise e o resultado dos dados da pesquisa, discutiu-se a respeito da importância da capacitação dos professores para incluir esses alunos, como também a necessidade de utilização de

diferentes metodologias de ensino e suas contribuições para o processo da aprendizagem e inclusão através da revisão bibliográfica realizada, e por fim as considerações sobre o estudo. No quarto, encontra-se as considerações finais sobre o tema em discussão.

2 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A matrícula e permanência de todo e qualquer aluno é assegurada por dispositivos aos brasileiros, através de leis tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o artigo nº 208 da Constituição Federal de 1988 e as Diretrizes Nacionais para a Educação Inclusiva na Educação Básica (BRAZ-AQUINO, FERREIRA, CAVALCANTE, 2016).

Sendo assegurado a todos os indivíduos o acesso à educação, aqueles que apresentam necessidades de aprendizagem independentes das causas às quais podem ser causas físicas; sensoriais; neurológicas; emocionais e as intelectuais. Segundo Ferreira (2018), a diversidade existente entre os seres humanos torna cada indivíduo único, especial, mas consideremos as peculiaridades de cada ser como sendo algo que o diminua realmente é brutal e desumano.

A Educação Inclusiva é entendida como o meio pelo qual o aluno que apresenta alguma necessidade de aprendizagem seja inserido no sistema educacional, de acordo com Neres, Corrêa (2015), essa modalidade de ensino é definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, Lei n.º 9.394/1996, tem sido inovada para apoiar a inclusão de alunos com deficiência no ensino comum, por meio da organização e oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE.

Para Kassar (2012), a inclusão dos alunos excluídos é considerada via de “inclusão social”, pois possibilita a igualdade entre os indivíduos, nesse sentido, reafirmando o papel da escola como instrumento de equalização social.

No campo da Educação Inclusiva, a inclusão de alunos com deficiência em escolas comuns passa a ser defendida como meio de superação das condições de segregação e de exclusão social a que foram historicamente submetidos.

Na concepção de Santos, Martinez (2016), em uma perspectiva educacional inclusiva, onde o objetivo é a transformação das instituições escolares em espaços de inserção para atender aos alunos com diferentes condições e necessidades

educacionais. Para esses indivíduos que reclamam o compromisso efetivo da administração pública, para que se empenhe na formulação de políticas que sejam capazes de romper com a estrutura excludente existente no sistema educacional que é reflexo do posicionamento da sociedade frente aos indivíduos que apresentam alguma necessidade.

Neste sentido, observa-se, a inserção de crianças com Necessidades Educacionais Especiais – NEE, nem sempre se dá de forma adequada, pois a escola muitas vezes não têm condições físicas ou de apoio favoráveis para recebê-las (BRAZ-AQUINO, FERREIRA, CAVALCANTE, 2016).

Segundo Oliver (2012), existe a real necessidade do ambiente escolar, ser um espaço de qualidade, com isso, necessita-se de um olhar diferenciado, tendo a preocupação de adequar sua estrutura física e de material de acordo com as fases de desenvolvimento, de cada faixa etária, como também pessoal qualificado.

Logo, nas salas de educação infantil os brinquedos devem estar em estantes baixas para que as crianças possam manuseá-los, salas amplas para que elas consigam se movimentar, área livre com jardins para que a criança possa tocar, sentir a textura das plantas etc. São fatores que contribuem para a aprendizagem do educando.

Dentre as necessidades de aprendizagem encontram-se os sujeitos que apresentam o Transtorno do Espectro do Autismo - TEA, de acordo com Carvalho, Nunes (2016), o Transtorno tem início precoce e tende a comprometer o desenvolvimento do indivíduo ao longo de sua vida, havendo grande variabilidade na intensidade, ou seja, alguns indivíduos apresentam graus elevados e outros leves que quando acompanhado adequadamente podem apresentar desenvolvimento adequado para a sua faixa etária, ocorre também à diferença na forma de expressão da sintomatologia nas áreas que definem o seu diagnóstico.

Segundo Brito, Vasconcelos (2016, p. 24), é necessário a observação e um diagnóstico precoce para que o indivíduo com o transtorno do espectro autista, possa receber a atenção adequada para ter um desenvolvimento satisfatório a depender do grau de acometimento em que se encontra.

O transtorno do espectro autista é uma síndrome do neurodesenvolvimento que se caracteriza por comprometimento na comunicação social associado a um repertório restrito e repetitivo de comportamentos, interesses e atividades. Sua causa ainda é desconhecida e a evolução é muito variável. É de extrema importância estar atento aos sinais de alerta para a realização

de um diagnóstico precoce e encaminhamento para reabilitação precoce e intensiva direcionada para o transtorno do comportamento e da comunicação.

Caminha et al. (2016), os cuidados dispensados ao portador do TEA visam ajudá-lo a lidar com suas limitações, superar as necessidades e se integrarem à sociedade de maneira satisfatória, alcançando independência, bem-estar e cidadania, podendo ocupar seu espaço no ambiente familiar, na sociedade e no contexto da educação também, para que possam desenvolver-se, interagir e adquirir o sentimento de pertencimento.

3 OBSTÁCULOS ENFRENTADOS PELOS DOCENTES QUANTO A INCLUSÃO DE EDUCANDOS COM TEA

O Transtorno do Espectro do Autismo - TEA é um diagnóstico observacional através da constatação de um conjunto de comportamentos, com isso, reconhecendo-se que as crianças podem ter diferentes graus de comprometimento e, mais importante, que pode ser possível que as crianças possam desenvolver suas habilidades e comportamentos os mais próximos do esperado para sua idade cronológica (LEAR, 2004).

Com isso, o autismo manifesta-se em diferentes estágios, necessitando que os professores estejam preparados para enfrentar essa realidade que muitas vezes não receberam instrução quando estavam fazendo a faculdade, preparando-se para atuar em sala de aula. Para Amorim et al. (2016), o profissional de educação precisa está apto a resolver problemas, ter iniciativa, compartilhar, aprender, cooperar, colaborar, ser criativo, buscar inovação, ter senso crítico, tomar decisões no tempo em que elas necessitam, usar a tecnologia, ter capacidade para buscar e filtrar os dados em informações úteis, entre outras, tais habilidades não são adquiridas na faculdade, mas se tornam essenciais no exercício da profissão.

Logo, o profissional da educação tem muitas atribuições, mas nem sempre detém o conhecimento necessário para isso, como também o sistema educacional disponibiliza de estrutura física e de material capaz de suprir as necessidades quando se trata de atendimento a alunos com necessidades especiais.

As necessidades de aprendizagens podem afetar a pessoa na sua totalidade, logo, uma criança que apresenta-se com tal problema deve ser investigada em

vários aspectos. De acordo com Gómez, Terán (2009), quando uma pessoa apresenta necessidades de aprendizagem especiais a mesma sofre pela subestimação, condição essa, que o exclui, pois sente-se incapaz por não conseguir cumprir com aquilo que espera de si mesmo e como que os outros esperam dela, e esse fato o deixa ainda mais fardado ao fracasso.

Para Oliveira et al. (2016), o termo necessidades especiais engloba num sentido amplo todas as pessoas que são acometidas por alguma deficiência, seja esta, de ordem física, cognitiva, socioeconômico e/ou cultural, que interfiram na acessibilidade, à qual, o indivíduo tem direito de adquirir ou usufruir e no contexto educacional essa se dá pelo déficit de aprendizagem e até mesmo de interação com os demais membros.

Nesse contexto, de necessidade especial, o educador tem destaque, pois espera-se que o mesmo esteja pronto a ser o elo que permite que o aluno receba a atenção necessária para o seu desenvolvimento, mas para isso, a capacitação deve ser constante.

3.1 A importância da capacitação dos professores para incluir os alunos com TEA

A capacitação docente é compreendida numa perspectiva de formação para à autonomia e isso demanda pensá-la de forma ampla, onde se busque a identificação do potencial de cada um com a valorização e intensificação deste potencial (PRETTO, RICCIO, 2010). Logo, o educador deve sempre buscar uma capacitação de qualidade, e no exercício de sua profissão, procurar participar de formação continuada, para que então possa oferecer uma educação que atinja o objetivo que é oferecer um ensino de qualidade.

Nessa perspectiva, Prada; Freitas (2010), afirmam que os docentes/educadores em exercício constroem novos conhecimentos, ideias e práticas, pois é a partir daquilo que já possuem e sabem que continuam seu desenvolvimento. A construção da formação docente envolve toda a trajetória dos profissionais, suas concepções de vida, de sociedade, de escola, de educação, seus interesses, necessidades, habilidades e também seus medos e limitações.

Segundo Geglio (2015), relata a existência de práticas inovadoras, tanto no processo de formação continuada dos professores, quanto na valorização do trabalho e no incentivo à carreira. Também faz menção a aspectos que necessitam

ser considerados na melhoria das condições profissionais dos professores, como, por exemplo, o problema da formação continuada baseada em cursos realizados de maneira descontextualizada da escola.

A formação teórica e prática do professor, contribuem para melhorar a qualidade do ensino, visto que, são as transformações sociais é que irão gerar transformações no ensino. Logo, a educação continuada constitui um importante momento de refletir e problematizar os obstáculos, as necessidades e possibilidades da prática docente envolvida com reformas curriculares.

De maneira geral a formação continuada faz-se necessário pela diversidade de seres existente no espaço de sala de aula, e quando fala-se em Educação Inclusiva e em especial de alunos com TEA, verifica-se que é urgente que os professores se qualifiquem para atuar em sala e proporcionar melhores condições de ensino para que esses sujeitos possam se sentirem incluídos, através de diferente metodologias que contribuam positivamente para a aprendizagem.

3.2 A utilização de diferentes metodologias de ensino e suas contribuições para o processo da aprendizagem e inclusão

A Educação Especial em todos seus âmbitos tem sido foco de discussões e pesquisas em todo Brasil com o intuito de compreender, analisar ou propor mudanças, pensando no público-alvo da Educação Especial e na formação continuada de professores para melhor atender esse público em específico (CARVALHO, 2016).

Colaborando com o assunto, Kassar, Fumegalli (2012), afirmam que a exclusão ocorre devido às práticas e valores da cultura que orientam as ações do homem. É o resultado de um processo histórico de construção de valores morais por parte das diferentes culturas. Este movimento do que é normal/anormal, também parte para a educação e provoca movimentos no contexto escolar.

A inclusão escolar é uma das políticas que tem promovido, nas últimas décadas, a escolarização de todos os alunos, o que não implica em dizer que essa inclusão se dá nos padrões desejados, os quais favoreçam a inclusão e a aprendizagem. Os documentos internacionais e a legislação brasileira têm contribuído para difundir o conceito e normatizar as práticas inclusivas, que

envolvem, de um modo geral, o ensino regular, a Educação Especial e as instâncias públicas e privadas (LIMA, LAPLANE, 2016).

No contexto da criança com autismo a realidade da inclusão ainda é mais complexa, pois a mesma necessita de atenção de uma equipe multidisciplinar, como afirma Carvalho, Nunes (2016), quando se trata de crianças com o Transtorno do espectro do autismo há uma infância esquecida muitas vezes, com isso, há a necessidade de ofertar atendimento diário a essas crianças, numa perspectiva interdisciplinar, em que mais de um terapeuta as atende a cada encontro, promovendo de forma integral o desenvolvimento do autista.

Assim, percebe-se que muitas vezes o problema em nosso país não é a falta de ideias que possam melhorar a prática em sala de aula, logo, no papel tudo é muito eficiente, mas quando trata-se de colocar as políticas públicas em prática, torna-se muitas vezes ineficazes devido os entraves que faz com que o país apareça nas estatísticas como um país com baixos níveis de qualidades na educação que é oferecida. A qualidade também está associada a falta de reconhecimento das diferenças existentes entre os indivíduos como afirmam atual (LIMA, DORZIAT, 2015, p. 437).

A lógica da nova agenda do mundo globalizado invadiu o campo educacional nas últimas décadas do século XX, desde as políticas públicas até as práticas educativas, revestindo-se de sólido aporte legal, que se apropria do discurso de reconhecimento das diferenças existentes na escola, mas tende, paradoxalmente, a reforçar a individualidade, a competitividade e a exclusão na sociedade.

Na concepção de Lima, Dorziat (2015), novas políticas no campo educacional foram instituídas e serão, como as de inclusão educacional de todas as pessoas no sistema regular, dentre elas, as chamadas pessoas com deficiência, muito embora, as instituições e os educadores nem sempre estão preparados para promover um processo de ensino e de aprendizagem eficaz, atendendo as expectativas daqueles que buscam a inclusão.

A arte de ensinar não é e nunca foi uma tarefa tão simples como muitos pensam. Ao contrário, tal processo exige uma série de habilidades e competências para que o educador consiga diferenciar e articular fatores sociais, individuais, internos e externos, que influenciam o tempo todo no ensino.

O conceito de inclusão traz uma nova perspectiva ao paradigma educacional da criança com Necessidades Educacionais Especiais - NEE ao considerar que o problema não está na deficiência em si, mas antes na incapacidade que a sociedade tem em dar resposta a essas dificuldades (FRAGOSO, CASAL, 2012). Ainda para os autores, uma sociedade inclusiva perspectiva ideias de igualdade social e promove a condições de acessibilidade a todas as pessoas nos vários espaços sociais.

Segundo Silva, Almeida (2012), a prática pedagógica com o aluno autista exige do educador uma organização do seu trabalho. Esse profissional deve propor estratégias no seu planejamento que possam ser alcançadas por esses alunos de maneira especial, desenvolvendo suas habilidades e competências, buscando promover a plena participação de todos no processo educativo.

Para Melo (2016), a construção de propostas inclusivas deve ser condizente com a realidade de cada criança em seu contexto escolar específico, posteriormente o professor deve estabelecer um viés de comunicação com a família a fim de identificar os interesses do seu aluno, como também o que o deixa mais irritado ou insatisfeito.

Segundo Munster et al. (2014), nos Estados Unidos da América, há vários decretos e leis que instituem a obrigatoriedade desse documento, o qual acompanha o estudante durante o trajeto), escolar e períodos de transição. No Brasil, embora não haja uma determinação legal prevendo a obrigatoriedade de um documento similar, é possível reconhecer a necessidade e importância do Plano de Ensino Individualizado - PEI ao processo educacional de estudantes com deficiências, sugerindo sua implementação na dinâmica escolar.

Na concepção de Melo (2016), a sala de aula precisa ser um espaço atrativo, inovador em que a criança autista possa sentir-se a vontade para o estabelecimento de mínimas relações de confiança para com o grupo do qual é integrante. Existe a necessidade de conter objetos que chamem atenção, que sejam capazes de despertarem o desejo de ter um contato aproximado, possibilitando a perda do medo com a experiência com o manuseio de objetos diferenciados. Sem dúvidas, a organização da sala de aula, a disposição das coisas, também contribui para que sejam aplicadas pelo professor várias possibilidades de aprendizagem.

Segundo Khoury et al. (2014), quando as necessidades educacionais de crianças com TEA são atendidas, respeitando a condição espectral do transtorno, ações educacionais poderão garantir que alcancem o nível universitário

(especialmente aquelas que não apresentam deficiência intelectual importante), assim como qualidade de vida individual e familiar e inserção social no mercado de trabalho, sempre que as condições fenotípicas da doença possibilitem.

Nesse contexto de inclusão, Rosario, Silva, (2016), ressaltam que muitos pais, e professores, ainda têm dificuldade de reconhecer as práticas da escola regular como favoráveis ao desenvolvimento do aluno com deficiência.

No entanto, segundo Khoury et al. (2014), quando há prejuízos cognitivos e comportamentais graves, a adaptação de um aluno com TEA em contextos de sala de aula regular inclusiva se torna, muitas vezes, inviável. Por esse fator, dentre outros, a inclusão de muitas crianças com TEA no contexto escolar brasileiro tem ocasionado mais prejuízos do que benefícios tanto ao aluno quanto às equipes educacionais.

Segundo Lear, (2004), a Análise do Comportamento Aplicada – ABA, é um programa que frequentemente começa em casa, quando a criança é muito pequena, assim, a intervenção precoce é importante, mas esse tipo de técnica também pode beneficiar crianças maiores e adultos. A metodologia, técnicas e currículo do programa também podem ser aplicados na escola. Outro método é o de Tentativas Discretas DTT, o Ensino por Tentativas Discretas (*Discrete Trial Teaching – DTT*) é uma das metodologias de ensino usadas pela ABA.

Para Miura (2016), a tecnologia de ensino aliada ao uso adequado das ferramentas de forma pontual e efetiva pode ser uma importante ferramenta para estudantes, professores do ensino regular, inclusive com alunos incluídos, comunidades acadêmicas.

Segundo Khoury et al. (2014), as orientações a professores para manejo comportamental em sala de aula baseadas na análise do comportamento baseia-se nos seguintes aspectos:

- ✓ Devido à diferença de desenvolvimento entre o aluno com Transtorno do Espectro do Autismo - TEA e um com desenvolvimento típico, é importante que se divida uma instrução complexa em várias instruções simples.

- ✓ Utilização de cartazes e figuras que orientem a criança em relação às tarefas e às atividades que ela precisa realizar ou a determinados tipos de comportamento em que ela deve se envolver.

- ✓ Crianças com TEA devem ser treinadas para o cumprimento de regras.

✓ É muito importante ensinar às crianças quais são os comportamentos adequados para pedir o que precisam seja de forma verbal ou não verbal.

✓ O aluno com TEA deve ser incentivado a ser independente, ou seja, comer sozinho e a se deslocar até a sala de aula com a professora e seus colegas.

✓ O professor e/ou o cuidador devem conhecer e manejar eventos que antecedem os comportamentos, de maneira tal que facilitem e aumentem a probabilidade de emissão de comportamentos adequados, assim, os elogios, recompensas e agrados, por exemplo, sempre após a emissão de comportamentos adequados.

✓ Sempre que um comportamento inadequado ocorrer, é importante o entendimento do comportamento, para promover modificações no ambiente para propiciar a emissão de outros comportamentos mais adequados.

✓ É necessário ensinar para a criança o que pode (o que é legal fazer) e o que não pode (o que não é legal fazer).

✓ Nos currículos devem ser contempladas as metas da escola para a idade e para o ano escolar da criança, ou seja, o currículo adaptado é essencial o uso de dicas textuais (palavras escritas), auditivas (falas) e gestuais (físicas).

Segundo Brito (2017), adaptações podem ser utilizadas para uso no contexto terapêutico, escolar ou domiciliar, pois as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem são diferentes em cada criança ou adulto com TEA, através dos seguintes aspectos:

- O uso de determinados recursos comunicativos podem facilitar o processamento da informação e conseqüentemente a resposta e aprendizagem da criança.

- Aproveite os momentos de maior atenção da criança para conversar com ela, usando palavras simples e frases curtas.

- Ajude a criança a compreender as brincadeiras sempre explicando antecipadamente o que vai acontecer com frases curtas e diretas (com objetivos explícitos).

- Quando fizer uma pergunta ou disser algo para a criança tenha paciência, aguarde e permita que a criança pense (tenha um tempo maior para processar a informação) antes de responder.

- Incentive a criança a chamar outras pessoas pelo nome.

- Quando a criança ou adulto com TEA apresenta a chamada ecolalia (repetição da fala de outras pessoas, falas de desenhos e propagandas da televisão ou internet, por exemplo) podemos interpretar como algo positivo no que se refere ao desenvolvimento da linguagem e buscar compreender a intenção comunicativa relacionada à ecolalia e atribuir significado a ela.

- Contextos estruturados e previsibilidade auxiliam bastante, pode-se sempre antecipar os acontecimentos em sala de aula, a hora do recreio e mudanças da rotina escolar como datas comemorativas, mudança de professores, passeios escolares e festas.

- O uso de recursos visuais também é sistematicamente destacado quando o assunto é intervenção nos TEA. A utilização de atividade planejada, pode ajudar na compreensão e interesse de crianças e adultos com TEA.

- Podem ser aproveitadas as situações do cotidiano como o momento do banho do banho, da alimentação, de vestir-se, assistir TV, no brincar, no passeio, para dizer o nome e as funções dos brinquedos, objetos, partes do corpo.

- Busque oportunidades para elogiar a criança. Ensine e elogie formas adequadas de se comunicar, compartilhar, esperar, etc.

- Faça pedidos que você sabe que a criança pode realizar para promover situações em que ela é “bem-sucedida”.

- Use interesses específicos e preferências da criança para incentivar habilidades e talentos.

- O uso de recursos de tecnologia com computadores, tablets, celulares, aplicativos, kits de robótica e robôs humanoides despertam o interesse de muitas crianças com TEA.

- A leitura de histórias pode ser também bastante incentivadora para alguns. O tipo de material e como conduzir a situação dependerá dos interesses e habilidades da criança. Não é necessário ler exatamente o que está escrito, você pode adaptar para algo que seja do interesse da criança.

- O uso de jogos, brincadeiras e atividades que incentivam a atenção compartilhada e simbolização são muito importantes.

- Brincadeiras simples com bolinhas de sabão e cócegas podem proporcionar situações muito importantes em relação ao contato visual, atenção compartilhada e habilidades sociais.

- Faça atividades motoras que também incentivem o compartilhamento das situações, mostrando como essas podem ser prazerosas.

- Você pode usar fantasias, capas e chapéus de personagens de desenhos ou filmes que a criança goste para compartilhar situações prazerosas.

- Se a criança ou adulto com TEA apresentar comportamentos considerados agressivos como quebrar objetos, bater em outras pessoas ou si mesmo, analise o que ocorre antes e após esta situação e busque formas de modificar o ambiente e as situações em que ocorre o comportamento considerado inadequado.

- Muitas pessoas com TEA apresentam alguma particularidade sensorial em diferentes graus. Pode-se utilizar estratégias que envolvam atividades psicomotoras e sensoriais com água, areia, diferentes texturas, usar massinha, molas, pula-pula, redes, tapetes, bolas de diferentes tamanhos.

- Promova situações que incentivem a convivência com outras crianças ou pessoas da mesma faixa etária. Os pais podem convidar colegas da escola para um lanche divertido em sua casa ou situações similares.

- Em casa a família pode organizar espaços específicos para jogos e brincadeiras. Sentar para brincar, se divertir com a criança e simbolizar mostrando a função de cada brinquedo ou objeto.

Muitos fatores podem proporcionar maior integração do indivíduo com TEA, seja no espaço especializado com profissionais específicos, seja no espaço escolar e no ambiente familiar. Todos devem lançar mão de todo e qualquer artifício que possa auxiliar no desenvolvimento e inclusão de crianças e adultos com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do estudo, com base bibliográfica que buscava resposta para a seguinte indagação, o professor foi capacitado para receber um aluno autista e contribuir para a sua interação? Percebeu-se que embora em tempos de inclusão, o professor ainda se sente incapaz de lidar com essa realidade, pois não recebeu a formação adequada, como também não conta com espaço físico e material didático para desenvolver um trabalho que contribua positivamente para a inclusão.

O estudo atingiu seu objetivo de analisar as políticas de inclusão do aluno com TEA na sala de aula, pois com base na literatura percebe-se que muitas são as reivindicações da sociedade para promover a inclusão de alunos com TEA, não é uma necessidade apenas do sistema educacional, mas da sociedade como um todo.

O Transtorno do Espectro do Autismo - TEA, é uma doença que se manifesta na infância e os sintomas podem ser identificados quando ainda estão muito pequenos e se manifestam de formas diferenciadas, mas três características são bastante acentuadas que causam prejuízos, em níveis variados, nas habilidades de cognição social, comunicação, interação social, comportamento e aspectos sensoriais.

Assim, pela diversidade apresentadas não é de fácil diagnóstico, embora esse seja de grande importância que o mesmo ocorra de forma precoce, para que assim os profissionais das mais diversas áreas possam desenvolver um tratamento mais adequado e assim, proporcionar melhor desenvolvimento e conseqüentemente, proporcionar qualidade de vida, mas ainda é uma doença que não tem cura, mas muitas pessoas conseguem a depender do grau que as cometem, desenvolverem suas atividades cotidianas, o que não ocorre para todos os indivíduos.

Os prejuízos causados pelo Transtorno do Espectro do Autismo, afastam as crianças do sistema educacional, muito embora algumas conquistas já permitem que as mesmas sejam incluídas e possam frequentar a escola e façam parte da Educação Especial, no entanto, essa inclusão nem sempre ocorre de forma qualitativa, pois os educadores em sua maioria não estão preparados para promover o desenvolvimento de uma criança autista, como também a escola não oferece uma estrutura física e de material adequados para promover a socialização e desenvolvimento do aluno autista.

DO YOU HAVE AN AUTISTA IN THE CLASSROOM AND NOW?

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder - ASD is a disease that has no known causes, but also cure, but early diagnosis and appropriate treatment have given the individual a greater chance of developing their affected abilities, such as communication and socialization. Inclusion in the school context is a reality guaranteed by Law. The student with special needs becomes a challenge to be faced by educational institutions and educators who are not always prepared. In this sense, we seek to inquire, the teacher was able to receive an autistic student and contribute to their interaction? From this question, we have as general objective to analyze the policies of inclusion of the student with TEA in the classroom: Conceptualizing the TEA, signs, symptoms and the challenges for an inclusive education. Observe the qualification aspects of Education professionals and analyze the specialized care in Regular Education for students with Autism. The basis was the following theorists: Caminha et al. (2016); Canabarro, Teixeira and Schmidt (2018); Loureiro et al. (2017); Ferreira (2018); Braz-Aquino, Ferreira and Cavalcante (2016), among others, that deal with the discussions about Autism Spectrum Disorder. For this, a bibliographic, exploratory and qualitative research was adopted. It is concluded that the damages caused by the Autism Spectrum Disorder distract the children from the educational system, although some achievements already allow them to be included and can attend school and are part of Special Education, however, this inclusion nor always occurs in a qualitative way, because the educators are mostly not prepared to promote the development of an autistic child, nor does the school offer a physical and material structure adequate to promote the socialization and development of the autistic student.

Keywords: 1. TEA. 2. School context. 3. School Inclusion.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Myrna Cecília Martins dos Santos et al . Aprendizagem e Jogos: diálogo com alunos do ensino médio-técnico. **Educ. Real.**, Porto Alegre , v. 41, n. 1, p. 91-115, Mar. 2016.

BRAZ-AQUINO, Fabíola de Sousa; FERREIRA, Ingrid Rayssa Lucena; CAVALCANTE, Lorena de Almeida. Concepções e Práticas de Psicólogos Escolares e Docentes acerca da Inclusão Escolar. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 36, n. 2, p. 255-266, Jun. 2016 .

BRITO, Maria Claudia. Estratégias práticas de Intervenção nos transtornos do Espectro do autismo. Instituto Nacional do Saber Autismo. 2017.

BRITO, Adriana Rocha; VASCONCELOS, Marcio Moacyr de. Conversando sobre autismo - reconhecimento precoce e possibilidades terapêuticas. **In: CAMINHA, Vera Lúcia Prudência dos Santos et al. Autismo : vivências e caminhos. São Paulo : Blucher, 2016.**

CARVALHO, Odila Maria Ferreira de; NUNES, Leila Regina D'Oliveira de Paula. Possibilidades do uso de jogos digitais com criança autista: Estudo de caso. **In: CAMINHA, Vera Lúcia Prudência dos Santos et al. Autismo : vivências e caminhos. São Paulo: Blucher, 2016.**

CARVALHO, Tereza Cristina de. Inclusão Escolar e os Desafios para a Formação de Professores. *Revista Brasileira Educação Especial*. Marília, v. 22, n. 2, p. 315-318, Jun. 2016.

CAMINHA, Vera Lúcia Prudência dos Santos et al. *Autismo : vivências e caminhos. São Paulo: Blucher, 2016.*

CANABARRO, Renata Corcini Carvalho; TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz; SCHMIDT, Carlo. Tradução e Adaptação Transcultural da Escala de Avaliação de Autoeficácia de Professores de Alunos com Autismo: Autism Self-Efficacy Scale for Teachers (Asset). **Revista Brasileira Educação Especial**. Bauru, v. 24, n. 2, p. 229-246, Abr. 2018.

FRAGOSO, Francisca M. Rocha Almas; CASAL, João. Representações sociais dos educadores de infância e a inclusão de alunos com necessidades educativas

especiais. **Revista Brasileira Educação Especial**. Marília, v. 18, n. 3, p. 527-546, Set. 2012.

FERREIRA, Adriana Torres. AUTISMO E INCLUSÃO ESCOLAR. 2018. Disponível em: < www.comunicandodireito.com.br>. Acesso em: 04 out. 2018.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GEGLIO, Paulo César. Políticas públicas de formação continuada para professores: um estudo de cursos realizados a partir de propostas licitatórias. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 86, p. 231-257, jan./mar. 2015.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado. TERÁN, Nora Espinosa. **Dificuldades de Aprendizagem**: Detecção e estratégias de ajuda. Trad. Adriana de Almeida Navarro. São Paulo: Ed. Grupo Cultural, 2009.

KASSAR, M.C.M. Educação especial no Brasil: desigualdade e desafios no reconhecimento da diversidade. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 833-849, jul./set. 2012.

KHOURY et al. Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar : guia de orientação a professores -- São Paulo: Memnon, 2014.

LEAR, K. Help us learn: a self-paced training program for aba Part I: training manual. Toronto, Ontario – Canada, 2ª Ed., 2004.

LIMA, Stéfanie Melo; LAPLANE, Adriana Lia Friszman de. Escolarização de Alunos com Autismo. *Revista Brasileira Educação Especial*. Marília, v. 22, n. 2, p. 269-284, Jun. 2016.

LIMA, Niédja Maria Ferreira; Dorziat, Ana. Formação docente para educar na diversidade: concepções subjacentes nos documentos oficiais e na prática explicitada. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 87, p. 437-460, abr./jun. 2015.

LOUREIRO, Adriana Auzier. et al. Triagem precoce para Autismo/Transtorno do Espectro Autista. **Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento**. Sociedade Brasileira de Pediatria. Nº 1, Abril de 2017.

MELO, Carla Caroline Silva de. Estratégias pedagógicas direcionadas ao aluno com autismo no ensino fundamental. 2016, 39 fls. Artigo Científico (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN, 2016.

MIURA, Regina Keiko Kato. **O uso de planilha de registro de leitura de história infantil de alunos com necessidades educacionais especiais.** In: CAMINHA, Vera Lúcia Prudência dos Santos et al. Autismo: vivências e caminhos. São Paulo: Blucher, 2016.

MUNSTER, Mey de Abreu Van et al. Plano de Ensino Individualizado Aplicado à Educação Física: Validação de Inventário na Versão em Português. **Revista da Sobama**, Marília, v. 15, n. 1, p. 43-54, Jan./Jun., 2014.

NERES, Celi Corrêa; CORRÊA, Nesdete Mesquita. Tecnologias assistivas no processo de escolarização de alunos com deficiência sensorial. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v.5, n.13, p.163-174, maio/ago. 2015.

OLIVEIRA, Ronaldo Queiroz de et al. A Inclusão de Pessoas com Necessidades Especiais no Ensino Superior. **Revista Brasileira Educação Especial**. Marília, v. 22, n. 2, p. 299-314, Jun. 2016.

OLIVER, Gabriella Chaves. **A importância do brincar na Educação Infantil.** Monografia (Pedagogia). Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro – 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PRADA, Luis Eduardo Alvarado; FREITAS, Thaís Campos, FREITAS, Cinara Aline. FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Revista Diálogo Educacional**, v.10, n.30, 2010.

PRETTO, Nelson De Luca e RICCIO, Nícia Cristina Rocha. A formação continuada de professores universitários e as tecnologias digitais. **Educação. rev.** n.37, pp. 153-169. 2010.

ROSARIO, Hilda Rosa Moraes de Freitas; SILVA, Simone Souza da Costa e. Estratégias adotadas pelos pais na vivência da escolarização de filhos adultos e crianças com deficiência. **Revista de Enfermagem Referência**. Coimbra, v. serIV, n. 11, p. 51-59, dez. 2016.

SANTOS, Geandra Cláudia Silva; MARTINEZ, Albertina Mitjans. A Subjetividade Social da Escola e os Desafios da Inclusão de Alunos com Desenvolvimento Atípico. **Revista Brasileira Educação Especial**. Marília, v. 22, n. 2, p. 253-268, Jun. 2016.

SILVA, Francisca da Silva. ALMEIDA, Amélia Leite de. Atendimento educacional especializado para aluno com autismo: Desafios e possibilidades. **Intl. J. of Knowl. Eng.**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 62 – 88, 2012.